

ANGST ESSEN SEELE AUF / 1973

(O Medo Come a Alma)

um filme de Rainer Werner Fassbinder

Realização e Argumento: Rainer Werner Fassbinder / **Fotografia.** Jurgen Jurges / **Montagem:** Thea Eymesz / **Som:** Fritz-Muller Scherz / **Cenários.** Rainer Werner Fassbinder / **Intérpretes:** Brigitte Mira (Emmi), El Hedi Ben Salem (Ali), Barbara Valentin (Barbara, a dona do bar), Irm Hermann (Krista), Rainer Werner Fassbinder (Eugen, o seu marido), Karl Scheydt (Albert), Elma Karlowa (Frau Kargus), Anita Bucher (Mme Ellis), Gusti Kreissl (Paula), Walter Sedlmayr (Angermayer, o merceeiro), Doris Mattes (a sua mulher), etc.

Produção: Tango-Film, Munich / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 93 minutos / **Estreia Mundial:** Munique, em 5 de Março de 1974 / **Estreia em Portugal:** Quarteto, em 27 de Fevereiro de 1987.

“*Eu vi seis filmes de Douglas Sirk. Entre eles estão alguns dos melhores do mundo*”. Com estas palavras Rainer Werner Fassbinder termina o seu conhecido artigo sobre Douglas Sirk escrito em 1971. Os filmes eram **All That Heaven Allows**, **Written on the Wind**, **Interlude**, **Imitation of Life**, **The Tarnished Angels** e **A Time to Live and a Time to Die**. Foi com a descoberta destes filmes que tudo mudou para Fassbinder, levando-o a trabalhar com Sirk (foi intérprete e colaborador no último filme de Sirk, a média metragem **Bourbon Street Blues**, de 1978) e alterando a sua própria relação com o cinema em geral. O filme em que essa mudança surge em toda a evidência é, também, a primeira obra prima de Fassbinder, **Die Bitteren Tränen der Petra von Kant**, esse filme tão íntimo como os interiores na mansão de **Written on the Wind**, esse filme tão feminino como **Imitation of Life**. Mas se algum filme de Fassbinder se pode identificar bem com o universo de Sirk e, simultaneamente, ser um dos mais pessoais do autor é **Angst Essen Seele Auf**, este estranho e perturbante **O Medo Come a Alma** decalcado da obra prima de Sirk, **All That Heaven Allows**. Sendo extremamente diferentes é difícil, contudo, encontrar filmes mais próximos.

Quando faz **Angst Essen...**, Fassbinder é já um dos nomes mais importantes do cinema novo alemão, sem esquecer o papel que há meia dúzia de anos tinha no teatro de vanguarda. Mas os seus filmes apareciam mais como fórmulas de vanguarda dentro das mudanças que então se verificavam. Com **Petra von Kant**, primeiro, e **Angst Essen Seele Auf**, Fassbinder assume, sem complexos, uma forma clássica de narrativa, com uma *découpage* precisa e clara, e ousa reinvestir um modelo desprezado, latente dentro dele mas que só o encontro com a obra de Sirk fez despertar: o melodrama, na sua forma exacerbada, a que vem trazer uma espécie de quotidianidade de que o filme que vamos ver é um dos melhores exemplos. Por outro lado, como Sirk, Fassbinder não faz juízos sobre as

suas personagens, coloca-os em certas situações e reagem de acordo com as suas convicções. Daí que se assista a uma contradição que é, no fim de contas, mais aparente do que real: as ideias que a personagem de Emmi deixa adivinhar nas conversas e certas reacções e a sua relação com Ali, o trabalhador marroquino emigrado. No fim de contas, o que Fassbinder aqui mostra não é a relação de duas pessoas de raças diferentes, mas o encontro de duas solidões. Fassbinder leva a um ponto limite a situação narrada por Sirk em **All That Heaven Allows**: a relação de uma mulher da classe média, viúva, com o jardineiro 15 anos mais novo, no meio conservador de uma pequena cidade do interior dos EUA. Fassbinder radicaliza a situação fazendo da mulher uma empregada de limpeza de 60 anos, viúva e com vários filhos, e do homem um trabalhador emigrado, de cor e vinte anos mais novo. O encontro casual tem lugar num bar onde a primeira se refugiara por causa da chuva, e a relação, primeiro de amizade depressa evolui para outra mais profunda acabando em casamento para grande escândalo da família dela e da vizinhança. A estrutura de **Angst Essen...** acompanha a do filme de Sirk: primeiro o par tem de enfrentar a animosidade e a intolerância dos que o rodeiam, e é esta luta que acaba por fortalecer a sua união. É só depois de serem "aceites" a contragosto (o tempo acaba por fazer aceitar o inevitável, ou melhor: o que não tem remédio, remediado está, como se costuma dizer) que as diferenças entre ambos começam a envenenar as suas relações levando a uma breve separação e a um reencontro que, se por um lado retoma o modelo do *happy end* de Sirk, por outro deixa antever mais dificuldades do que facilidades. E é neste campo que se manifesta a singular personalidade de Emmi, aceitando a companhia sem quaisquer preconceitos (em momento algum nesta fase da relação a diferença, social ou de raça se impõe a qualquer deles), e manifestando, por outro lado todo um comportamento que não se distingue muito daqueles que os censuram. A estabilidade vem a pouco e pouco fazer aparecer reacções contraditórias. Duas sequências são particularmente sugestivas: a visita das amigas a casa de Emmi em que esta inocentemente exhibe Ali como se se tratasse de um animal exótico, mostrando-lhes os músculos, a força (assim se faz, também, aceitar por uma vizinha ao ajudar numa mudança), o tom da pele, sequência de certo modo simétrica da apresentação de Rock Hudson por Jane Wyman no meio social desta, no filme de Sirk. E, finalmente, a sequência, perto do fim, de Emmi com as colegas de limpeza, em que também ela isola a nova trabalhadora, uma emigrante jugoslava. Não há, bem vistas as coisas, grande contradição entre os dois comportamentos que coabitam em cada um de nós de forma mais consciente uns do que noutros. Fassbinder, como Sirk, assumindo-se como um director romântico explorando os meandros mais tortuosos do melodrama encontra-se, por isso, mais próximo do realismo (das personagens e dos seus comportamentos) do que outros cineastas que se reivindicam dessa escola.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico